

## Oficinas sobre violência com adolescentes: um relato de experiência

Mailara Germanowicz Zillmann Silveira<sup>1</sup>  
Marcia Elisabete Wilke Franco<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta um relato de experiência de estágio básico em psicologia. Aborda o tema da violência com adolescentes de uma escola municipal de Gravataí, RS. Foram realizadas oficinas para esclarecer sobre os diferentes tipos de violência física, sexual, psicológica e negligência, bem como as leis que protegem a criança e o adolescente. Buscou-se expandir o conhecimento para que os adolescentes participantes pudessem conscientizar-se quanto à responsabilidade de suas ações e omissões, como vítimas ou agressores, inconscientes ou conscientes. Esta experiência desenvolveu-se no segundo semestre de 2016, com 4 turmas do sexto ao nono ano, do turno da tarde, mais especificadamente com 41 alunos, sendo 22 meninas e 19 meninos. As intervenções ocorreram durante os períodos da disciplina de religião, com duração de 1 hora, com 3 intervenções em cada turma, totalizando 12 encontros. O objetivo das intervenções foi conhecer como os adolescentes compreendem a violência, assunto bastante evidenciado nas queixas da rotina escolar. Os alunos puderam expressar-se através de teatro, música, relatos e desenhos, após refletirem e debaterem livremente suas ideias com os colegas. Os resultados mostraram que é possível verificar maior prevalência de violência física, em comparação à violência psicológica, incluindo nesta, tipos de agressões verbais de base preconceituosa, como bullying, racismo e homofobia. Outros tipos de violência, com menor prevalência, são figuras que expressaram atos de negligência ou mesmo o abuso de substâncias. As questões de gênero mostram que na maioria, para meninos e meninas, o sexo masculino é mais evidente nas referências sobre violência. Para as meninas o sexo masculino agride mais fisicamente, do que verbalmente. Comparando a prevalência quanto à representação de papéis do agressor, ambos, meninos e meninas, representam nos desenhos a figura masculina como agressor. Acredita-se que este trabalho possibilitou uma conscientização sobre o tema da violência e também incentivou ações positivas no combate à violência.

**Palavras-chave:** Adolescência; Violência; Psicologia na escola.

**Abstract:** This article presents an account of basic psychology experience. It addresses the issue of violence with adolescents of a municipal school in Gravataí, RS. Workshops were held to clarify the different types of physical, sexual, psychological and neglect violence, as well as the laws that protect children and adolescents. It was sought to expand the knowledge so that the participating adolescents could become aware of the responsibility of their actions and omissions, as victims or aggressors, unconscious or conscious. This experiment was carried out in the second half of 2016, with 4 classes from the sixth to the ninth year of the afternoon shift, more specifically with 41 students, 22 girls and 19 boys. Interventions occurred during periods of religious discipline, lasting 1 hour, with 3 interventions in each class, totaling 12 meetings. The objective of the interventions was to know how the adolescents understand violence, a matter evidenced in the complaints of the school routine. The students were able to express themselves through theater, music, reports and drawings, after reflecting and freely discussing their ideas with colleagues. The results showed that it is possible to verify a higher prevalence of physical violence, in comparison to psychological violence, including in this type of verbal

1 Aluna do Curso de Graduação em Psicologia. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

2 Supervisora Local do Estágio Básico III, realizado através do PsicoAção em 2016/02. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

aggression of prejudiced base, such as bullying, racism and homophobia. Other types of violence, with lower prevalence, are figures who have expressed acts of neglect or even substance abuse. Gender issues show that in the majority, for boys and girls, the male gender is most evident in references to violence. For girls the male sex acts more physically, than verbally. Comparing the prevalence of aggressor roles, both boys and girls represent the male figure as an aggressor in the drawings. It is believed that this work made possible an awareness of the issue of violence and also encouraged positive actions in the fight against violence.

**Keywords:** Adolescence; Violence and Psychology in school.

## 1 INTRODUÇÃO

Em tempos de violência global, este fenômeno tem se manifestado com frequência na sociedade brasileira, não podendo ser associada exclusivamente à criminalidade. Ela está presente nas relações sociais desiguais, no autoritarismo, no desrespeito às diferenças e aos direitos do outro. Quando as condições de vida social desfavorecem o desenvolvimento e a realização pessoal, podem levar os indivíduos à violência. Ferrari e Vecina (2002) evidenciam aspectos que são consequência da perda de autonomia:

[...]As diferenças na sociedade são convertidas em relações de desigualdade e essas desigualdades convertidas em relações assimétricas hierarquizadas, que implicam que a vontade de uns seja subordinada a vontade de outros. É nesse sentido que a ação é violenta. A violência é, portanto, uma ação que envolve a perda da autonomia. [...] (p.82)

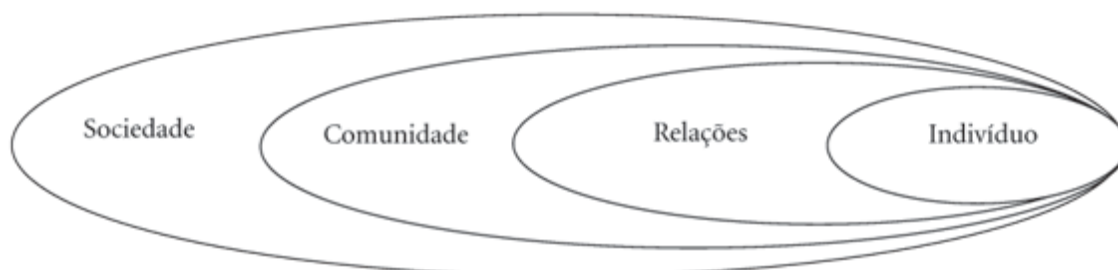
Para a Organização Mundial de Saúde (OMS) define que a violência é: “O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação” (Dahlberg e Krug, *et al*, 2002).

De acordo com Assis e Marriel (2010) a violência pode ser compreendida por um “fenômeno complexo e multicausal”, que se conceitua a partir de aspectos socioculturais e experiências individuais, tendo por base para esta compreensão o modelo ecológico para a compreensão da violência de Bronfenbrenner (1996), em que fatores individuais interagem com aspectos comunitários e sociais, conforme veremos na figura 1.

1 Aluna do Curso de Graduação em Psicologia. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

2 Supervisora Local do Estágio Básico III, realizado através do PsicoAção em 2016/02. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

**Figura 1**  
Modelo ecológico para compreender a violência.



**Fonte:** Krug, *et al*, 2002.

Assis e Marriel (2010) explicam o modelo ecológico da seguinte forma:

“O primeiro nível do modelo ecológico, o individual, leva em consideração os fatores históricos, sociais, biológicos e pessoais que uma pessoa traz em seu comportamento e que podem afetar a possibilidade de ela ser vítima ou perpetrador da violência. O nível relacional diz respeito às relações sociais próximas, por exemplo, relações com companheiros, parceiros íntimos e membros da família que aumentam o risco para vitimização violenta e perpetração da violência. O terceiro nível analisa os contextos comunitários das relações, como as escolas, os locais de trabalho e a vizinhança, e busca identificar as características desses cenários associados ao fato de a pessoa ser vítima ou perpetrador da violência. Por fim, o último nível do modelo ecológico analisa os fatores sociais mais amplos que influenciam os índices de violência”. (p.42)

A OMS *et al* (1998, citado em Krug, 2002) classifica a tipologia da violência de diferentes formas, através da natureza dos atos cometidos. São eles:

- Violência física: uso da força para produzir injúrias, feridas, dor ou incapacidade em outro;
- Violência psicológica: são agressões verbais ou por gesto, com objetivo de aterrorizar, rejeitar, humilhar a pessoa, restringir sua liberdade, ou ainda isolá-la do convívio social;
- Violência sexual: ato ou jogo sexual que ocorre nas relações hétero ou homossexuais e visa estimular a vítima ou a utilizá-la para obter excitação e páticas eróticas, pornográficas e sexuais impostas por meio de aliciamento, violência física ou ameaças.
- Negligência ou abandono: ausência, recusa ou a deserção da atenção necessária a alguém que deveria receber cuidados.

Compreendido o significado e amplitude da violência inter-relacional, consideramos que fatores biológicos também influenciam o comportamento. Neste caso, o processo de desenvolvimento do adolescente gera comportamentos extremos, provocado pela necessidade de experimentar e testar os limites, pois assim estão construindo sua identidade. Com isso,

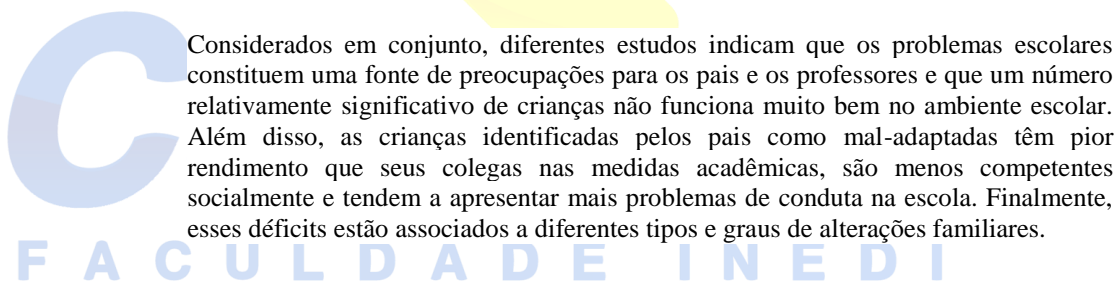
1 Aluna do Curso de Graduação em Psicologia. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

2 Supervisora Local do Estágio Básico III, realizado através do PsicoAção em 2016/02. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

pessoas e ambientes idealizados tornam-se grandes influenciadores através da identificação, o que gera evidências de comportamentos que foram aprendidos no sistema familiar no qual possuem referência desde a sua infância. De acordo com as pesquisadoras Azevedo & Guerra (1995):

[...]Todo ato ou omissão praticado por pais, parentes ou responsáveis contra crianças e/ou adolescentes que sendo capaz de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima implica de um lado numa transgressão do poder/dever de proteção de adulto e, de outro, numa coisificação da infância, isto é, numa negação do direito que crianças e adolescentes têm de ser tratados como sujeitos de direitos e pessoas em condição de desenvolvimento. [...] (p. 36)

O aumento da agressividade em adolescentes é percebido de diversas formas no cotidiano, sendo constantemente noticiadas. Tornando-se ainda mais preocupante por estarem tomando cada vez mais espaço dentro do ambiente escolar, à medida que passa a interferir nas relações interpessoais, pois no espaço da instituição ocorre a continuidade do aprendizado no processo de socialização, que teve seu início na infância através das relações familiares. É neste contexto que as dificuldades de aprendizagem se tornam evidentes, apresentando problemas relacionados a questões emocionais, a falta de habilidades sociais e de conduta. No qual, Campbell (1993, citado em López, 2004, p. 117) afirma:



Considerados em conjunto, diferentes estudos indicam que os problemas escolares constituem uma fonte de preocupações para os pais e os professores e que um número relativamente significativo de crianças não funciona muito bem no ambiente escolar. Além disso, as crianças identificadas pelos pais como mal-adaptadas têm pior rendimento que seus colegas nas medidas acadêmicas, são menos competentes socialmente e tendem a apresentar mais problemas de conduta na escola. Finalmente, esses déficits estão associados a diferentes tipos e graus de alterações familiares.

Conforme o mesmo autor, pesquisas sobre privação emocional na infância mostram, que os menores que não tiveram referência de pelo menos uma figura de apego tendem a demonstrar problemas emocionais, sociais, escolares e de conduta.

Frente a esta situação, buscou-se investigar e compreender através de pesquisa ação, qual o entendimento, experiências e comportamentos dos adolescentes sobre a temática “violência”, abordado através de oficina psicoeducativa em escola pública do Município de Gravataí/RS.

## 2 CONTEXTUALIZANDO A PRÁTICA DO ESTÁGIO

Este estudo se justifica diante do alto índice de violência doméstica. Crianças imitam adultos (pais e cuidadores), pois os têm por referência de comportamento e reproduzir os padrões faz parte dos processos de aprendizagem e desenvolvimento mesmo que o indivíduo

1 Aluna do Curso de Graduação em Psicologia. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

2 Supervisora Local do Estágio Básico III, realizado através do PsicoAção em 2016/02. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

prejudique a si mesmo, considerando que uma criança está em processo de construção de sua personalidade. Um ambiente familiar hostil onde os diferentes modos de agressão geram ferimentos emocionais graves e profundos promovem consequências no desenvolvimento e funcionamento do indivíduo.

O PsicoAção Cesuca é um espaço que está em constante estruturação e faz parte da Clínica Escola do Cesuca, por isso serve como um local de estágio para os alunos da faculdade de Psicologia. O PsicoAção funciona através da realização de projetos que podem ser realizados tanto nas próprias instituições solicitantes como no espaço do Cesuca. Está fundamentado na perspectiva social-comunitária. A Psicologia Comunitária, segundo Scarparo e Guareschi (2007), dedica-se a estudar, compreender e intervir no cenário de questões psicossociais que caracterizam uma comunidade e destaca-se pela diversidade das opções teóricas e intencionalidades que estruturam seus fazeres. As autoras acrescentam que, a Psicologia Social Comunitária, por seu caráter histórico-crítico tem sido um campo de trabalho no qual a interlocução com os movimentos sociais e com outros saberes pode inspirar práticas atentas à complexidade do cotidiano.

Esse relato de experiência foi inspirado em um projeto da Psicologia Jurídica denominado PSIJUR, que é um dos projetos do PsicoAção Cesuca que é realizado com casais e famílias que apresentaram situações de violência intrafamiliar que são encaminhados pelo judiciário da 2ª Vara do fórum da cidade de Cachoeirinha. O programa de pesquisa tem por objetivo verificar os casos de violência doméstica através de instrumentos de avaliação psicológica, para identificar a periodicidade e cronicidade da violência doméstica. A partir das reflexões sobre violência doméstica e escutando as pessoas que sofrem e padecem dos efeitos da violência, pois viveram experiências brutais sejam com os parceiros, com os pais, com colegas agressivos ou com um ambiente agressivo surgiu o interesse de investigar no espaço escolar como os adolescentes veem os comportamentos agressivos.

Estas intervenções ocorreram na EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental (Escola Pública) de Gravataí - RS, José Mariano Garcia Mota, localizada no bairro Boa Vista, com alunos do 6º ao 9º ano, adolescentes, com idades entre 12 e 16 anos, de ambos os sexos (meninos e meninas), foram 3 encontros com cada turma, sendo quatro turmas, totalizando 12 encontros.

As definições quanto a faixa etária adolescente variam, de acordo com a OMS (Organização Mundial da Saúde), pelo Ministério da Saúde e pela Sociedade Brasileira de Pediatria a faixa etária adolescente situa-se entre os 10 e 19 anos completos, enquanto o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), constituído pela Lei federal nº8.069, de 13 de julho de 1990, define que a faixa de idade adolescente é entre os 12 e 18 anos. Por isso, conforme esta lei, o indivíduo menor de 12 anos é considerado criança e após os 18, adulto (Archanjo; Archanjo & Silva, 2007).

1 Aluna do Curso de Graduação em Psicologia. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

2 Supervisora Local do Estágio Básico III, realizado através do PsicoAção em 2016/02. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

Falar de adolescência é falar de um fenômeno psicológico e social, constituído histórica e culturalmente, nomeado como tal no século XX, sendo caracterizada como um processo de transição entre a infância e a vida adulta (Ariés, 1973/1981; Sposito, 1997).

O processo de escolarização desempenha papel fundamental no processo do indivíduo, segundo Sawaya (2002), a escola parece portar funções variadas, entre elas função social, ao compartilhar com a família a educação de crianças e jovens, função política, quando contribui na formação do cidadão, e função pedagógica, na medida em que é local privilegiado para transmissão e construção do conhecimento. Com este princípio surgiu o interesse em desenvolver este projeto de intervenções com adolescentes no ambiente escolar. A seleção da instituição se fez por já ter estabelecido contato anteriormente e percebido através do relato oral dos professores e equipe administrativa que, os alunos têm apresentado comportamentos violentos de diferentes formas. Buscando entender as principais queixas, através de uma reunião, primeiramente foram ouvidas as professoras responsáveis pela administração da escola (direção, supervisão e orientação). As professoras são questionadas a relatarem de forma geral, sobre: quais os tipos de violência ocorrem na escola?

As queixas sobre violência foram sobre o vandalismo da comunidade para com as dependências da escola, pois é também um espaço social. Os portões da instituição ficam abertos aos finais de semana, para que a comunidade utilize os espaços para fins de recreação, já que possui praça para crianças e quadra esportiva, com exceção as salas de aula que ficam trancadas, a comunidade tem acesso livre às dependências da escola. As professoras demonstraram ficar incomodadas com a frequência destes acontecimentos, mas ao mesmo tempo, os relatos relevam uma atitude conformada perante o assunto, numa estratégia de evitar desgastes e confrontos, pois não acreditam que seja possível uma mudança no comportamento da comunidade para com a escola.

As queixas quanto ao comportamento agressivo surgem de forma geral, pois as professoras ressaltam que presenciam a agressividade nas crianças desde quando ingressam na educação infantil. Sendo esta uma entrevista de curta duração, tendo como objetivo principal compreender as principais demandas observadas nos adolescentes, as entrevistadas mantêm os relatos evidenciando as demandas das turmas do ensino fundamental, do 6º ao 9º ano.

Através dos relatos destacaram que o comportamento dos alunos, em sua maioria, revelam características agressivas na comunicação entre seus pares (colegas), bem como para com os professores. O bullying está presente de forma recorrente nas rotinas, as professoras dizem o quanto é comum os alunos interagindo entre si com brincadeiras ou discussões, atitudes desrespeitosas com violência psicológica, pois se agridem e revidam com palavrões e xingamentos, incluindo violência física, socos ou chutes, como um “tapão” na cabeça ou costas do colega. Revelam ter conhecimento da desestrutura familiar, convivendo diariamente com a violência dentro de casa, estando presente também na comunidade, que é carente e bastante violenta. Estas questões do convívio familiar e da comunidade foram trazidas sobre a hipótese

1 Aluna do Curso de Graduação em Psicologia. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

2 Supervisora Local do Estágio Básico III, realizado através do PsicoAção em 2016/02. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

de influência do ambiente como referência da agressividade presente no comportamento dos adolescentes desta escola.

Surge também o relato de casos com automutilação, que tem acontecido com maior frequência nas turmas do 6º e 7º anos, principalmente entre meninas. Dentro das próprias dependências da escola e em horário de aula, no qual usam a navalha do apontador para se cortarem. Explicam que fatos recorrentes estão refletindo nos colegas de turma e escola, pois acreditam que de certa forma possa influenciá-los, incitando ao grupo à violência.

Ao encerramos a conversa as professoras referem que a intervenção sobre violência poderia ser sutil, e orientam a não trabalhar ideais descontextualizados, evitando julgamentos que violem os valores pessoais, respeitando a realidade em que estão inseridos.

Oriento que o projeto se dividirá em 3 intervenções, solicitando a compreensão das professoras, para verificar qual o tipo de atividades as turmas preferem desenvolver. Para construir a última intervenção, informo que o objetivo será uma atividade que estivesse de acordo com o perfil de cada turma. Os métodos utilizados foram descritos a seguir.

### **3 MÉTODO DE TRABALHO**

Este estudo teve caráter qualitativo envolvendo observação participativa dos comportamentos e das oficinas desenvolvidas. Segundo Kinder (1987), a observação participante é uma forma de pesquisa que lida geralmente com dados qualitativos, e os observadores participantes se inserem na situação de pesquisa e na vida das pessoas. As intervenções ocorreram no turno da tarde, durante os períodos da disciplina de religião, com duração de 1 hora, com 3 intervenções em cada turma, sendo 4 turmas do sexto ao nono ano, totalizando 12 encontros.

Nas intervenções os adolescentes puderam problematizar sobre o que pensam a respeito da violência e seguir com uma intervenção educativa para conhecerem mais sobre o assunto, de maneira que pudessem perceber a violência social, bem como suas próprias atitudes, ações e/ou omissões, como vítimas ou agressores, que geram e incentivam a violência, para que depois, oportunizando através do conhecimento, promover a reflexão quanto a ações que acreditam ser de responsabilidade pessoal e social, para que mudanças, que acreditam serem necessárias, possam influenciar em um comportamentos e ações positivas, incentivando-os a atuam no combate à violência dentro e fora da escola.

No primeiro encontro com cada turma a intervenção se dividiu em duas partes, iniciando com um debate no qual os alunos pudessem falar quais exemplos vinham à mente quando ouviam ou liam a palavra violência. De forma livre relatavam, enquanto os exemplos eram

1 Aluna do Curso de Graduação em Psicologia. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

2 Supervisora Local do Estágio Básico III, realizado através do PsicoAção em 2016/02. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

registrados no quadro, para que o grupo pudesse acompanhar e refletir sobre o que os colegas expressavam. Alguns mais que outros participavam, demonstrando maior facilidade em exemplificar, mas de forma geral todos se mostravam participativos quando o grupo era questionado se concordavam ou não com o exemplo trazido pelo colega. Do conhecimento que tinham, definiram os exemplos de violência como: agressão física (socos, chutes, tapas, beliscões), briga de trânsito, homem batendo em mulher, violência de cuidadores (pais, parentes e babás) contra criança (pedofilia), estupro, violência sexual (contra mulheres e/ou homens), aborto, agressão a homossexuais, tentativa de homicídio e de estupro, briga de família, agressão verbal (bullying, xingamento, apelido, racismo ou preconceito).

Em sequência a primeira atividade, propondo a participação de todos, os alunos deveriam desenhar individualmente uma cena que representasse violência partindo dos exemplos citados. Foi disponibilizado material, folha de ofício branca. Puderam usar lápis grafite ou de cor para criar o desenho. A única exigência foi para que os desenhos na forma humana fossem o mais completos e reais, no qual não foi permitido que desenhassem “palitinhos”. Não considerado os alunos que faltaram as aulas, devido as infrequências, todos os alunos presentes, desenvolveram e concluíram a atividade. No total participaram 41 alunos, 22 meninas e 19 meninos. Na turma 61 estavam presentes 16 alunos, 8 meninas e 8 meninos; na turma 71 com 11 alunos, sendo 6 meninas e 5 meninos; na turma 81 estavam presentes 10 alunos, sendo 5 meninas e 5 meninos; e na turma 91 com 4 alunos, 3 meninas e 1 menino. O 9º ano possui o total de 6 alunos, o que revela, em comparação as demais, a grande incidência de evasão escolar principalmente no último ano do ensino fundamental.

No geral não são turmas grandes, mas em todas as intervenções, que ocorreram em dias diferentes, alguns alunos faltaram a escola, o que reforça a incidência de infrequências desta instituição. Neste caso a orientadora educacional reporta as faltas, sendo 5 consecutivas ou intercaladas, ao sistema FICAI (Ficha de Comunicação de Aluno Infrequente). Os reprovados por falta são encaminhados ao Conselho Tutelar, que entrará em contato notificando o responsável pelo menor, para que compareça e justifique as faltas, ou em casos que o responsável não compareça, são encaminhados diretamente ao Ministério Público.

No segundo encontro foi trabalhado o conceito de violência. Os alunos receberam a revista “Quebrando o Silêncio Teen” (2015) que foi entregue a cada um. Este é um material adaptado aos adolescentes, faz parte de um projeto educativo e de prevenção contra o abuso e a violência doméstica, promovido por uma instituição religiosa. Reforçando a importância da educação na promoção de saúde e bem-estar social, um trecho da revista evidencia a seguinte proposta:

“Educação é uma atitude de amor. Eduque-se. Respeito é prova de amor. Respeite-se. Cuidar de si mesmo é viver com amor. Cuide-se. Quebrar o Silêncio é abrir o caminho para o amor. Ame-se.”(p.01)

1 Aluna do Curso de Graduação em Psicologia. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

2 Supervisora Local do Estágio Básico III, realizado através do PsicoAção em 2016/02. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.



Dando seguimento nesta ideia, os alunos acompanharam a leitura do primeiro texto que fala do quanto a violência está presente na sociedade, na escola e também na própria família. De, como a sociedade se acostuma aos poucos com a violência, passando a ser aceita muitas vezes como normalidade, por estarmos nos acostumando, enquanto sociedade, com as notícias e fatos da rotina, dos noticiários sangrentos, ao ponto de nos tornarmos, cada vez mais vítimas oprimidas e caladas, diante da dor, do desrespeito, por medo ou omissão. Do quanto, sem perceber, as pessoas vão se tornando assim, agressores, manipuladores ou intimidadores. Enfatizando também aqueles que são vítimas de si mesmo, sendo seu próprio agressor ao adquirir hábitos e vícios que destroem com o respeito próprio.

Em seguida oriento que para estudarmos o material, deverão se dividir em quatro grupos, onde cada grupo ficará responsável por um tipo de violência. A seleção dos temas ocorreu por sorteio. Apenas a turma 91, desenvolveu o estudo individual, pois no dia estavam presente apenas 4 dos 6 alunos.

As turmas puderam estudar os temas, apresentando na sequência o que compreenderam. Incentivando-os a expressarem a ideia principal do tema com suas próprias palavras, podiam contar com auxílio da leitura, recorrendo ao texto, caso tivessem maior dificuldade em expressar o entendimento de forma livre e espontânea. Os temas trabalhados foram sobre os tipos de violência física, psicológica, sexual e negligência, apresentados na revista.

Durante o período, os alunos leram o texto e se organizavam para apresentar, começando e mantendo a ordem dos temas. Cada tema é ilustrado na revista com um exemplo de história breve, em linguagem simples, o que facilitou para a compreensão dos assuntos.

Para apresentação dos temas os grupos podiam relatar aos colegas o mesmo exemplo da revista ou citar algum diferente, mas todos preferiram usar o exemplo descrito, com receio de errar e/ou serem vaiados pelos colegas. Intermediando para que pudessem refletir, os questionava se aquele era o único exemplo para descrever o tipo de violência que estavam apresentando, respondiam que não, então, atuando como facilitadora, citava outros exemplos para reforçarem o aprendizado, como, que a violência física pode sim, ser gerada pela consequência do abuso de substâncias (drogas e/ou álcool), conforme referência citada na revista, mas que esta não é uma regra, pois pessoas sem efeito de substâncias também podem “perder a cabeça”, um termo simples para facilitar o entendimento quanto à ausência de razão, pois algumas pessoas que consideram “nervosas”, que xingam e se irritam facilmente podem reagir com violência, sendo esta psicológica ou física. Orientando que nestes casos devem evitar situações, conversas, ou provocações.

No que diz respeito a abordagem dos temas quanto aos direitos da criança e do adolescente, os alunos foram orientados que em casos de abuso de violência física, psicológica, sexual ou negligência, deveriam pensar em se abrir/dividir com alguém de confiança, ou recorrer diretamente ao disque denúncia, para que através do Conselho Tutelar às medidas de proteção, a criança ou adolescente fossem ativadas, com base no ECA (Estatuto da Criança e

1 Aluna do Curso de Graduação em Psicologia. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

2 Supervisora Local do Estágio Básico III, realizado através do PsicoAção em 2016/02. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

do Adolescente) a lei federal 8.069 de 1990, que trata dos direitos das crianças e dos adolescentes em todo o Brasil, no que diz respeito aos direitos à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, incluindo políticas de atendimento, medidas protetivas e socioeducativas, direitos relacionados à Constituição da República de 1988.

Para a última intervenção a proposta foi definida em conjunto com a direção da escola, no qual cada turma desenvolvesse uma atividade de acordo com o que mais se identificam. Para a turma 61 os alunos se dividiram em quatro grupos, mantendo os grupos da segunda intervenção. Na atividade deveriam produzir uma história em quadrinhos, de no mínimo duas cenas, onde representassem uma cena de violência e outra ação no combate à violência. Os alunos optaram por reproduzir uma cena com exemplo do tipo de violência que haviam estudado. Produziram quadrinhos de violência física, sexual, psicológica e negligência.

A turma 71 manteve o mesmo grupo e tipo de violência da segunda intervenção com a proposta de desenvolverem uma letra de música, que cantaram no estilo REP, as letras deveriam ser sobre um tipo de violência estudado e ações contra a violência. Depois de finalizarem a letra os alunos foram gravados por áudio que seria reproduzido em atividade da escola de encerramento do ano letivo.

A turma 81 se dividiu em dois grupos, de 6 meninos e 4 meninas, apenas 1 aluna não quis participar da atividade. A proposta foi que os alunos desenvolvessem um esquete (breve teatro), que representasse um tipo de violência e uma ação no combate a violência. As meninas escolheram o tema “bullying na escola” e os meninos “violência física por consequência da ingestão de substância (álcool)”.

Para a turma 91 as professoras incentivaram que os alunos desenvolvessem alguma mensagem de despedida para as demais turmas e professores, pois este é o último ano da turma na escola. Foi proposto aos 4 presentes no dia da intervenção, que escrevessem uma mensagem em agradecimento pelos momentos que passaram na instituição e que pudessem também incentivar os alunos, que permanecerão na escola, a não praticarem a violência, incentivando atitudes no combate à violência, definido por eles de forma livre, como: mais amor, carinho, educação, respeito, dedicação, humanidade, igualdade e compreensão. As mensagens foram gravadas em áudio.

A devolutiva, como resultado deste projeto foi apresentada, de forma adaptada, para os alunos e professores da instituição, dentro da proposta de programação de encerramento do ano. Sugerido e definido em reunião juntamente com a administração da escola, como melhor proposta para apresentar os resultados das intervenções.

1 Aluna do Curso de Graduação em Psicologia. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

2 Supervisora Local do Estágio Básico III, realizado através do PsicoAção em 2016/02. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste estudo a análise do material confeccionado pelos alunos teve um caráter quantitativo, enquanto a observação dos comportamentos e revisões bibliográficas somaram através de uma abordagem qualitativa.

Os desenhos da primeira intervenção foram selecionados por tipos de violência (física, psicológica, ou negligência) nos quais se avaliou alguns padrões destacados nos gráficos a seguir. Desenharam tipos de violência física, como violência sexual com crianças (pedofilia), tentativa de homicídio, automutilação (pulsos cortados), homicídio com arma, tentativa de homicídio com faca, agressão física em assalto, agressão física e psicológica sobre homofobia e racismo (bullying), ameaça, negligência e violência familiar.

No geral a violência física e o bullying, de diferentes formas, se destacaram representadas dentro e fora da escola. Oliveira e Martins (2007) argumentam que a violência na escola pode ser encarada como fruto de profunda desigualdade social, imposição de regras coletivas e repetição de modelos com os quais os alunos convivem em casa. Días-Aguado (2005) também destaca categorias de risco relacionadas à violência escolar, tais como a exclusão social ou o sentimento de exclusão, ausência de limites, exposição à violência pelos meios de comunicação, facilidade para obter armas de fogo e falta de diálogo e cooperação entre a família e escola.

Percebeu-se que as turmas oscilam na representação dos exemplos através dos desenhos, trouxeram questões de agressão verbal e/ou física, mas no geral, exemplo do gráfico da **Figura 1**, é possível verificar maior prevalência de violência física, em comparação à violência psicológica, incluindo nesta, tipos de agressões verbais de base preconceituosa, como bullying, racismo e homofobia. Outros tipos de violência, com menor prevalência, são figuras que expressaram atos de negligência ou mesmo o abuso de substâncias.

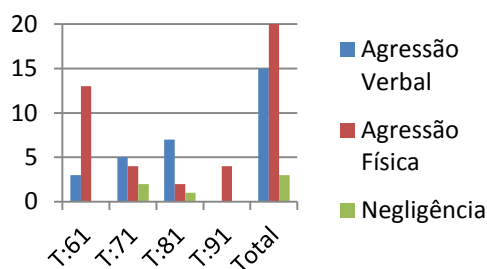


Figura 1

Vistos no gráfico da **Figura 2**, das cenas de violência de 41 alunos, 20 (49%) desenharam apenas figuras masculinas, 13 (32%) desenharam ambos (figuras masculinas e femininas), 8 (20%) desenharam apenas figuras femininas, sendo que em 2 (5%) dos desenhos não foi possível identificar o sexo da figura representada. As questões de gênero mostram que na maioria, para ambos, meninos e meninas, o sexo masculino é mais evidente nas referências

1 Aluna do Curso de Graduação em Psicologia. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

2 Supervisora Local do Estágio Básico III, realizado através do PsicoAção em 2016/02. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

sobre violência. Para as meninas o sexo masculino agride mais fisicamente, do que verbalmente. Sinalizando que, para as meninas as questões de gênero estão mais internalizadas, quanto ao perfil do agressor como sendo representado pelo sexo masculino.

**Agressor: Homem ou Mulher?**

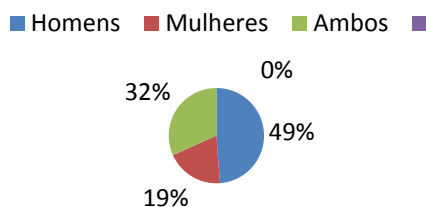


Figura 2

No que diz respeito ao desenvolvimento entre a infância e adolescência, as crianças cuja agressividade física é acentuada são, em sua maioria, meninos (Côté, Tremblay & Vitaro, 2003) evidenciando as tendências de gênero.

Na **Figura 3** o gráfico mostra que as meninas desenharam mais cenas de violência com referência de sexo masculino e feminino juntos, descrito no gráfico por “misto”, enquanto os meninos desenharam mais figuras masculinas.

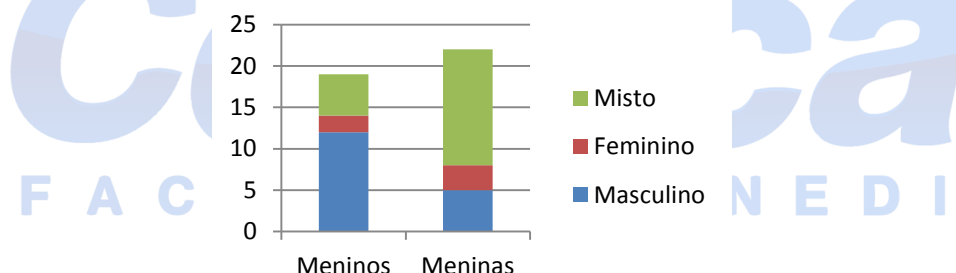


Figura 3

Comparando a prevalência quanto à representação de papéis do agressor, para ambos, meninos e meninas, nos desenhos representam a figura masculina como agressor, descritos no gráfico da **Figura 4**.

1 Aluna do Curso de Graduação em Psicologia. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

2 Supervisora Local do Estágio Básico III, realizado através do PsicoAção em 2016/02. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

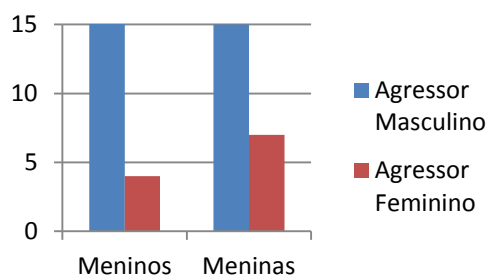


Figura 4

No que se refere a uma expectativa social, do padrão de “normalidade” vinculado ao desenvolvimento e transformação da adolescência, de acordo com Dumas *et al* (2011, citado em Vitaro, Gendreau, Tremblay e Oligny, 1998; Rainy, 2006), espera-se, que os meninos sejam mais agressivos que as meninas e tolera-se um nível de agressividade mais elevado por parte deles. Os meninos cuja agressividade é mais ativa apresentam uma probabilidade maior de desenvolver um transtorno de conduta e de cometer atos de violência graves do que aqueles cuja agressividade é essencialmente reativa; em compensação, estes últimos são mais impulsivos, isolados e ansiosos.

Existem distinções no que se refere à agressividade, como por exemplo, descrito por Dumas (2011):

- agressividade instrumental ou hostil;
- agressividade física ou verbal;
- ativa ou reativa;
- direta ou indireta, relacional.

A agressividade instrumental ou hostil é um comportamento planejado e não impulsivo. A agressão hostil é iniciada por qualquer estímulo ou presença de elementos desagradáveis que induza a raiva, insulto ou ataque. Estes estímulos engendram cólera, e esta é seguida por agressão, cuja intenção principal é provocar injúrias à vítima. A agressão hostil, chamada por alguns pesquisadores de agressão colérica ou reativa (Buss, 1975). A agressão instrumental, assim como a hostil, também é percebida de forma peculiar, entendida normalmente como uma agressão a sangue frio, pensada e calculada (Bushman & Anderson, 2002; Buss, 1975).

No que se refere as questões contextuais do social e cultural, a criança e o adolescente refletem também as normas sociais do meio que ela frequenta, sendo influenciada nos ambientes que convive, como sua casa, escola ou bairro. Neste caso, Dumas (2011) afirma que, o transtorno oposicional desafiante é diagnosticado no início da escolaridade, fase em que a escola recusa comportamentos até então tolerados e, às vezes, até mesmo encorajados em casa e na educação infantil.

1 Aluna do Curso de Graduação em Psicologia. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

2 Supervisora Local do Estágio Básico III, realizado através do PsicoAção em 2016/02. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

Estudos mostram que fatores sociais potencializam uma adolescência mais conflituosa, como uma pesquisa comparativa realizada em escolas francesas, alemãs e inglesas, os jovens confrontados diariamente com violências físicas e verbais, ignoradas ou não controladas, podem ser levados a se tornarem eles próprios agressores, ao contrário de continuarem como vítimas (Pain, Barrier & Robin, 1997). Isso significa que o diagnóstico de um transtorno de comportamento é sempre compartilhado: reflete ao mesmo tempo que as características da criança e as do ambiente em que o comportamento é considerado inaceitável – ainda que a abordagem diagnóstica seja essencialmente individual (Dumas, 2000).

Em geral, os transtornos de comportamento não podem ser desvinculados do contexto cultural em que se apresentam, nem das expectativas amplamente compartilhadas que influenciam muito cedo as crianças (Dumas, 2011). Em particular é preciso destacar que a agressividade e a violência estão ancoradas em culturas ocidentais que, muitas vezes, encorajam e inclusive glorificam as expressões de hostilidade de qualquer tipo desde os primeiros anos, sobretudo nos meninos (Cairns & Cairns, 1994).

Quanto à influência da transgeracionalidade nos aspectos de identificação e formação do indivíduo, as crianças que experienciam contextos de violência na família de origem, como vítimas diretas ou como testemunhas da violência interparental, levam para seus relacionamentos futuros a tendência a repetição dos padrões vivenciados Colossi & Falcke *et al* (2015, citado em Falcke, 2006; Mendolowicz & Figueira, 2007; Paradis, 2009).

Segundo Weber & Cunha (2006), há uma relação significativa entre a frequência de participação em conflitos e a forma que o adolescente percebe o suporte fornecido pelos pais. É em casa, o local onde mais ocorrem discussões e pequenos conflitos, afinal, estes são necessários à construção de relacionamentos saudáveis, desde que não ultrapassem o bom senso, tornando-se agressões.

Das relações observadas dentro e fora da sala de aula, a maioria daqueles que iniciam uma violência demonstram ser provocativos, incitando a continuidade da agressão por parte do outro, o que por hipótese estaria gerando reações descontroladas de ambos, tornando o “provocar e revidar” um ciclo que os alunos julgam “normal” quando são questionados sobre o porque agem com frequência desta forma.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de intervenção promoveu dentro de uma proposta educativa a transmissão e troca de conhecimento sobre os comportamentos que incentivam a violência e seus diferentes tipos, buscando-se identificar na visão do adolescente de escola pública municipal, como

1 Aluna do Curso de Graduação em Psicologia. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

2 Supervisora Local do Estágio Básico III, realizado através do PsicoAção em 2016/02. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

percebem a violência social dentro da escola, em casa e na comunidade, promovendo a reflexão sobre seus próprios atos e responsabilidade diante do assunto estudado.

Com o desenvolvimento deste projeto e abordagem teórica utilizadas para a compreensão da violência para o adolescente, considera-se fatores biopsicossociais, relativos a cultura e aspectos transgeracionais presentes na relação intra-familiar como hipótese geradora da agressividade presente no comportamento destes adolescentes.

Partindo dos principais resultados e limitações encontradas para seguimento desta pesquisa, sugere-se que novas propostas possam aprofundar a temática das demandas identificadas, e dar suporte a instituição e seus alunos, através de novos projetos e pesquisas.

## REFERÊNCIAS

Archanjo, D. R., Archanjo, L. R., Da Silva, L. L. (2007) *Saúde da Família na atenção primária*, 232-234. Curitiba: Ibpx

Ariès, P. (1981). *História Social da Criança e da Família*. (D.Flaksman, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1973)

Assis, S. G. & Marriel, N. S.M., (2010). *Reflexões sobre Violência e suas Manifestações na Escola*. Em Assis, S. G. de, Constantino, P., Avanci, J. Q. (Orgs.). *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores*. 22.ed. Rio de Janeiro: ME/ FIOCRUZ. 259p.

Azevedo, M. A. & Guerra, V. N. A. (1995). *Como se conceitua? A Violência Doméstica na Infância e na Adolescência*, p.31-63. São Paulo: Robe.

Berkowitz, L. (1990). On the formation and regulation of anger and aggression: A cognitive-neoassociationistic analysis. *American Psychologist*, 494-503.

Barros, P., & Silva, F. B. N. (2006). Origem e manutenção do comportamento agressivo na infância e na adolescência. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 55-66.

Buss, A. H. (1975). A agressão compensa. Em J. L. Singer (Org.), *O controle da agressão e da violência: Fatores cognitivos e fisiológicos* (pp. 112-130). São Paulo: EPU.

1 Aluna do Curso de Graduação em Psicologia. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

2 Supervisora Local do Estágio Básico III, realizado através do PsicoAção em 2016/02. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

Bushman, B. J., & Anderson, C. A. (2001). Is it time to pull the plug on the hostile versus instrumental aggression dichotomy? *Psychological Review*, 273-279.

Bushman, B. J., & Anderson, C. A. (2002). Violent video games and hostile expectations: A test of the general aggression model. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 772-790.

Cairns, R. B. & Cairns, B. D. (1994). *Lifelines and risks: Pathways of youth in our time*. New York:Cambridge University Press.

Colossi, P.M., Marasca, A.R., & Falcke, D. De Geração em Geração: *A Violência Conjugal e as Experiências na Família de Origem* (2015). <

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/20979/14101> />.

Acesso em: 16 de set. 2016.

Côté, S. M. Tremblay, R. E. & Vitaro, E (2003). Le développement de l'agressivité physique au cours de l'enfance: Facteurs de risque associés aux trajectoires élevées des garçons et des filles. *Sociologie et Sociétés*, 203-220.

Días-Aguado, M. J. Por qué se produce la violencia escolar y cómo prevenirla. (2005) *Revista Iberoamericana de Educación*, n 37, 17-47.

Dumas, J. E. (2000) *L'enfant violent: le connaître, l'aider, l'aimer*. Paris:Bayard.

Dumas, J. E., (2011). *Psicopatologia da infância e da adolescência* (3.ed.). 272-283. Porto Alegre: Artmed.

ECA - *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei no.8.069, de 13 de julho de 1990. Brasil.

Ferrari, D.C.A., Vecina, T.C. (2002). *O fim do silêncio na violência familiar: teoria e prática*, p.82-90. São Paulo: Agora

Kinder, L. H. *Observação participante*. In: \_\_\_\_\_. (Org.). Métodos de pesquisa nas relações sociais. São Paulo: EPU, 1987. v. 1, p. 67-80.

Krug, E. G. et al. Lozano R. (2002) *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Geneva: World Health Organization. p. 380.

López, F. (2004). *Problemas afetivos e de conduta na sala de aula*. Em César, C., Álvaro, M. & Jesús, P. (Orgs); Murad, F. (Trad.) *Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos*

---

1 Aluna do Curso de Graduação em Psicologia. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

2 Supervisora Local do Estágio Básico III, realizado através do PsicoAção em 2016/02. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.



de desenvolvimento e necessidades educativas especiais. (ed. 2), (vol. 3), Porto Alegre: Artmed

Oliveira, E. C., Martins, S. T. F., Violência, sociedade e escola: da recusa do diálogo à falência da palavra (2007). *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 19, n.1, 90-98.

Pain, J. Barrier, É. & Robbin, D. (1997) *Violences à l'école: Allemagne, Angletesse, France*. Paris: Matrice.

Raine, A., Dodge, K., Loeber, R., Gatzke-Kopp, L., Lynam, D., Reynolds, C., Stouthamer-Loeber, M., & Liu, J. (2006). *The Reactive Proactive Aggression Questionnaire: Differential correlates of reactive and proactive aggression in adolescent boys*. *Aggressive Behavior*, 159-171.

Sawaya, S. M. (2002). Novas perspectivas sobre o sucesso e o fracasso escolar (pp. 197- 213). In Oliveira, M. K., Sousa, D. T. R., & Rego, T. C. (Org.). *Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea*. São Paulo: Editora Moderna.

Weber, L. N. D. & Cunha, J., (2006). O bullying escolar: vítimas, agressores e seus pais. Em *XII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental*, Brasília: ABPMC.

Vitaro, E. Gendreau, P. L., Tremblay, R. E. & Oligny, P. (1998) Reactive and Proactive aggression differentially predict later conduct problems. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 1-9.

Quebrando o Silêncio Teen. *Revista da Igreja Adventista do Sétimo Dia* (2015). São Paulo:Casa

Mendlowicz, M. & Figueira, I. (2007). Transmissão intergeracional da violência familiar: o papel do estresse pós-traumático. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 29(1), 88-89<  
<https://dx.doi.org/10.1590/S151644462007000100023> />. Acesso em: 16 de set. 2016.

Toro, G. V. R., Neves, A. S., Rezende, P. C. M., Bullying, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social (2010). <  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872010000100011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872010000100011) /> . Acesso em: 18 de nov. 2016.

1 Aluna do Curso de Graduação em Psicologia. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.

2 Supervisora Local do Estágio Básico III, realizado através do PsicoAção em 2016/02. Faculdade CESUCA, Cachoeirinha-RS. Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva, 160, Bairro Colinas.